

**Memorial  
do  
Grande Ponto**

por Celso da Silveira

1983  
CLIMA



Os bares do Grande Ponto  
tenho os seus nomes de cor:  
Botijinha, Dia-e-Noite,  
Acácia Bar, Rio Grande,  
onde a cachaça de Ovídio  
dessedentava a goela  
de Evaristo e Babuá.  
Confeitarias — um par:  
a Helvética e a Cisne;  
Casa Vesúvio — bazar,  
e adiante o Natal Clube,  
Santa Cruz Futebol Clube  
— os dois de primeiro andar.

Cafés Maia e São Luís,  
sorvete do Aracati,  
Restaurante Dois-Amigos  
com porta de vai-e-vem  
e frequência popular.  
E Restaurante Acapulco,  
local a que acorriam  
casais da sociedade  
e rapazes bem trajados,  
todos lá fazendo hora  
para o baile do Aéreo  
— requinte/mor da cidade.

Numa esquina, a Alcazar  
e na outra o Grande Ponto  
— casa de jogos de azar —  
um verdadeiro universo  
de Tubiba à Mulamanca,  
pro poeta fazer verso  
como faz Milton Siqueira.

Lá, o Bolero servia  
comidas de pratos quentes,  
mas, já do lado de cá,  
junto do Beco da Lama,  
o Pérola vendia bifés  
aos habitantes da noite  
que voltavam dos bordéis  
pra saciar outras fomes.

Lembrança de João Machado,  
Eutiquiano e Ercilo  
(que foram ali quase Reis);  
Sorveteria Cruzeiro  
e do Salão Santo Antônio;  
cigarreira O Zepelim,  
que vendia bugingangas  
e tinha jornal/mural  
onde Pegado Cortez  
dava notícias do mundo  
como que em primeira mão.  
Juízes, advogados,  
até desembargadores  
e muitos aposentados,  
recrutas e general  
Leitão, Lilíu do bilhar,  
todo pessoal letrado  
— são sombras na paisagem;  
foi lá que estreiou veado  
um tal de Velocidade,  
contraste de Tororomba.

NEHA

Conversas de futebol  
de torcedores e atletas,  
cada um é melhor técnico  
do América ou ABC,  
Riachuelo e Atlético,  
e o grito marcando gol  
está na boca de todos.

Carnaval na João Pessoa,  
Doblechem vem de Rei Momo  
ao lado de Zé Areia  
e Djalma Maranhão;  
se batalham de confete  
e lança-perfume Rodo.  
Papangús e Colombinas  
no toque da Banda ao vivo  
dançam ao som do "Zé Pereira".

Luís Tavares, de linho  
agá-jota-cento-e-vinte,  
sapatos de duas cores,  
bico fino de camurça,  
ou couro de jacaré,  
ditava a moda da praça  
e ainda dava de graça  
seu jeito de menino.

Sorveteria Polar  
(pianista Paulo Lyra)  
onde se falava inglês  
— “US Navy, my friend” —  
de Aparício Meneses  
ao engraxate da casa,  
no tempo do americano.

O primeiro telefone  
de serventia do povo  
(nosso orelhão de outrora)  
— “basta pagar e ligar” ---  
ficava numa cabine  
toda vedada de vidro,  
na antiga Casa Royal,  
onde os segredos guardados  
não coravam as namoradas.

É um espaço em aberto  
à gente de toda parte;  
convergência da cidade,  
encontro de viajantes  
e de onde as línguas feriam  
moças vindas dos cinemas  
Rex, Nordeste, Rio Grande,  
ou mesmo, quando mais cedo,  
retornavam das novenas.

Centro referencial  
de política e cultura,  
de oposição e governo;  
a palavra ali falada  
no palanque dos comícios  
ganharam tal ressonância  
que nos seus cantos ecoam,  
não, grande ponto final  
— leve som de antigamente —  
reticência, ponto e vírgula,  
mas, ocasionalmente,  
exclamação, coisa e tal,  
força lúdica, dominante  
deste seu memorial.







Do Mesmo Autor:  
GLOSA GLOSARUM  
O HOMEM RI DE GRAÇA  
Edições CLIMA